

# O PANORAMA.

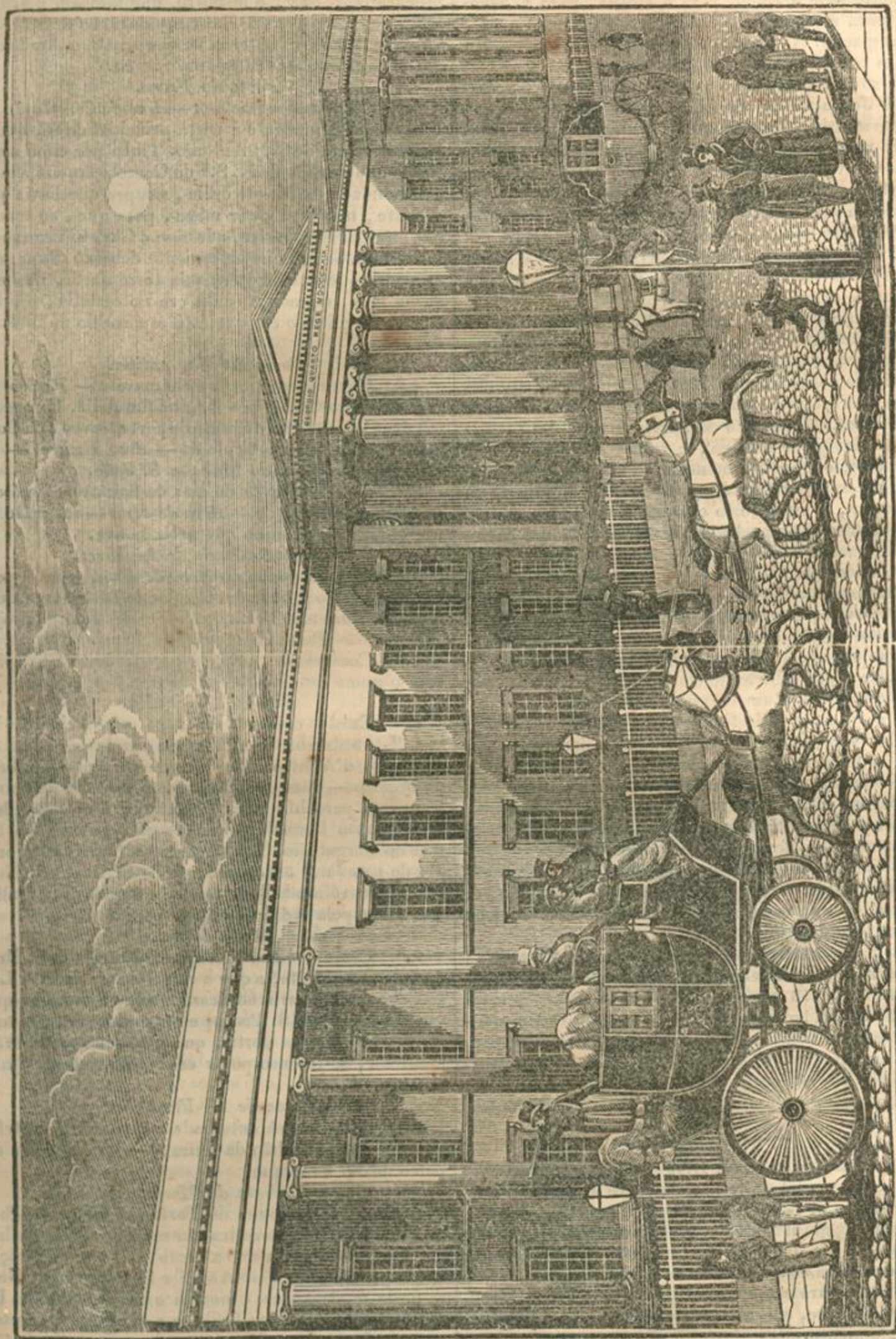
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

78)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (OUTUBRO 27, 1838



EDIFICIO DO CORREIO EM LONDRES.

## O CORREIO EM LONDRES.

A CASA do correio em Londres é digna de ser visitada pelos viajantes, não tanto pela belleza do edificio como pela immensidade de trabalhos que dentro della se executam, e pela ordem e simplicidade com que são strictamente desempenhados. É com effeito este logar o centro d'uma correspondencia que abarca os confins d'ambos os mundos. Dalli saem cartas regularmente para a India, para a China, para a America, para a Nova Hollanda; para o equador e para a zona glacial. As communicações do povo inglez mantem as relações da Europa com todos os povos da terra, e só elle desprega a sua bandeira desde o archipelago Jonio até as ilhas do mar do sul.

Esta multiplicidade assombrosa de correspondencias exigia perfeitissima ordem na distribuição dos trabalhos. Convem examinar de perto a organização das repartições para se ver completamente satisfeita esta necessaria condição: este exame deve fazer o viajante verdadeiramente curioso, e não se contentar, como o vulgo dos passeadores d'estradas, com a simples inspecção do frontispicio, ou com uma rapida vista d'olhos pelo interior das salas.

A circumstancia mais notavel desta repartição é a grande multidão de letreiros postos em toda a extensão do vasto recinto dos escriptorios, não só sobre as principaes sahidas, mas até nas menores subdivisões desses escriptorios. Cada empregado está alli, para assim dizer, d'antemão designado á vista das pessoas a cujo serviço se destina, e graças a tão numerosas indicações, o tropel immenso d' estrangeiros, de commerciantes, de criados &c., alli acha, sem guia e sem perguntar, o escriptorio que lhe respeita, e onde é promptamente despachado. É na verdade um curioso espectáculo o deste serviço tão vasto e tão variado; e onde se calculam, segundo as probabilidades, os atrasos causados pelos ventos e todos os incidentes desfavoraveis; e vos dizem com exactidão, na maior parte dos casos, a epocha da volta da correspondencia que enviastes á extremidade da India, como se tractasse d'um bilhete de convite dirigido a um amigo que morasse n'um bairro mais distante.

Os *mail-coaches* destinados ao transporte das malas, são carruagens de quatro logares dentro, e seis sobre o tejadilho. Atraz vae sentado o guarda com seu bacamarte, e um par de pistolas. Estes transportes viajam a razão de 10 milhas inglezas por hora, mas a sua pouca largura, e a brevidade com que saem das estações, os fazem pouco commodos.

As postas em Inglaterra não são de privilegio exclusivo. Por meio d'uma licença, que não póde ser negada, as mudas se estabelecem segundo o capricho ou vontade dos proprietarios.

Os *Stage-coaches* correspondem a uma diligencia; são carruagens mui elegantes, construidas para transportar 15 ou 18 passageiros, e um peso consideravel em pacotes ou trouxas, mas por estradas perfeitamente planas; e esta condição é rigorosa; se o não fosse, a altura dos coches, a carga exclusivamente collocada sobre o tejadilho, e a leveza da caixa e do jogo, dariam logar, como em França, a funestos accidentes.

## ANTIGAS PORTAS DE LISBOA, E SUA CERCA.

PUBLICAMOS a seguinte noticia sobre as portas e muralha antiga de Lisboa, que nos foi remettida pelo Sr. Antonio Joaquim Moreira. Achámos este trabalho tão curioso na sua singelesa, que não nos atrevemos a acrescentar-lhe cousa alguma ou a dar-lhe nova fórma, guardando para outra occasião o voltar a este interessante assumpto, considerando a cidade no seu progressivo augmento.

*Porta de S. Jorge.*

1.<sup>a</sup> É a principal do castello de Lisboa, ao lado esquerdo da qual ha o nicho de S. Jorge seu Padroeiro.

*Porta da Alfôfa.*

2.<sup>a</sup> Foi situada no cume da calçada de S. Crispim, na rua que hoje chamam do milagre de St.<sup>o</sup> Antonio, proxima a dois grandes nichos cavados nas paredes dos lados, n'um dos quaes se vê em azulejo a pintura deste St.<sup>o</sup>; e no outro, que tambem é azulejado, houve uma cruz. Nas casas do nicho de St.<sup>o</sup> Antonio ha a celebre cisterna de que tracta a Academia dos Humildes, e o Panorama n.<sup>o</sup> 50.

*Porta do Ferro.*

3.<sup>a</sup> Chamava-se tambem — *Arco da Consolação*. — Ficava correspondente á porta principal da Sé, e contigua á igreja de St.<sup>o</sup> Antonio. Tinha por cima a antiquissima capella de N. S.<sup>a</sup> da Consolação, em a qual a irmandade da Misericordia, sempre que havia padecente, mandava dizer missa, para que, ao tempo que este por alli passava, adorasse a Christo sacramentado. Esta se dizia anteriormente debaixo d'um arco de pedra que existiu juncto da torre da Sé, da banda do mar, quando a cadêa era no castello, e o logar do supplicio o em que está a parochia de S. João da Praça.

*Porta do Mar antiga.*

4.<sup>a</sup> Communmente lhe chamavam — *Postigo da rua das Canastras* — por ficar no fim della. Existe na rua dos Confeiteiros, defronte da porta travessa da Conceição velha, com o titulo de — *Arco Escuro*. —

*Porta do Mar, a S. João.*

5.<sup>a</sup> Está na frente do cães de Santarem, e é conhecida pelo nome de — *Arco de Jesus* — em razão de um quadro do Menino que nella houve.

*Postigo do Conde de Linhares.*

6.<sup>a</sup> Distava pouco do *Arco de Jesus*, e era a porta principal do palacio dos Condes de Linhares, o qual formava uma rua cuberta, que ia dar a S. João da Praça.

*Porta do Chafariz d'Elrei.*

7.<sup>a</sup> Conserva-se unida á parede deste Chafariz, com o nome de — *Bêco das Moscas*.

*Porta de S. Pedro.*

8.<sup>a</sup> Existiu defronte da porta principal [hoje loja n.<sup>o</sup> 113 da rua da Adiga] da igreja parochial de S. Pedro d'Alfama, sendo nomeada antes — *Porta d'Alfama*. — Passado o terremoto de 1755 se transferiu esta parochia para Alcantara, e no logar della fundaram hospicio os padres suffragadores das almas do Purgatorio. Todo o seu ambito é agora o predio de casas n.<sup>o</sup> 5 a 9 do largo de S. Raphael. Neste sitio se vê ainda uma torre, e signal de muralha que subia pela Adiga a unir-se com a

*Porta do Sol.*

9.<sup>a</sup> Era a que ficava contigua á igreja de S. Brás da ordem de Malta, a que o vulgo chama de St.<sup>a</sup> Luzia, cujo campanario edificaram sobre a muralha que vae pela Adiga a S. Pedro; e entre duas antigas torres. O muro desta porta, que o terremoto de 1755 arruinou, se ia encorporar com o do castello, juncto da

*Porta de D. Fradique.*

10.<sup>a</sup> Hoje se vê entulhada no muro do castello que deita para o chão da Feira, juncto á entrada do pateo de D. Fradique.

*Porta do Moniz.*

11.<sup>a</sup> Teve os nomes de *Porta do Sol*, e de *Porta do Norte*. É a terceira da muralha do castello, que faz face á igreja do extincto convento da Graça, agora parochial de St.<sup>o</sup> André e St.<sup>a</sup> Marinha. Nesta porta se atravessou e morreu o valoroso capitão D. Martim Moniz, para facilitar a entrada aos portuguezes. D. Affonso Henriques, para memoria de tão

illustre feito, mandou collocar no alto della uma perfeita cabeça de fino marmore, sob a qual ha a seguinte inscripção:

“*El Rei Dõ Afonso Henriques mandou aqui collocar esta statua e cabeça de pedra em memoria da gloriosa morte que Dõ Martõ Munis progenitor da familia dos Vasconcelos recebeu nesta porta quando atravessando-se nella franqueou aos seus a entrada com que se ganhou aos Mouros esta cidade no anno de 1147.*”

“*João Roiz de Vasconcelos e Sousa Conde de Castel melhor seu decimoquarto neto por baronia fez aqui por esta inscripção no anno de 1646.*”

Abaixo desta porta, na costa do castello, existiu uma povoação denominada *Villa Quente*, que foi submergida pelo lastimoso terremoto que succedeu em Lisboa a 26 de Janeiro de 1531.

#### Porta da Traição.

12.<sup>a</sup> É a quarta e ultima da muralha que rodeia o castello, pouco adiante da do *Moniz*; e talvez assim chamada por alguma traição que por ella se intentasse.

Estas eram as doze portas da primeira e mui limitada fortificação de Lisboa, denominada a *Cêrca velha*, a qual muralha nascia do seu castello em proximidade da *Porta de S. Jorge*, e pela da *Alfôfa* descia por S. Crispim, Sé, e rua das Canastras, á *Porta do Mar antiga*; ia correndo beiramar até S. Pedro d'Alfama, donde, pela Adiga, subia á *Porta do Sol*, a encorporar-se com a do castello, juncto á *Porta de D. Fradique*. Elrei D. Fernando I. na era de 1411 [anno 1373] a ampliou com a nova cêrca e com as 34 portas que se seguem:

#### Porta de S. Lourenço.

1.<sup>a</sup> Perfeitamente se conhece ter existido na costa do castello, pegada á grande torre que fica abaixo da *Porta da Traição*, ao começar a descida da calçada que vai dar a S. Lourenço, e cujo muro corria pelo palacio do Marquez de Ponte de Lima, e bêco do Cascalho, até a Mouraria. Demoliram-na em 1700.

#### Porta da Mouraria.

2.<sup>a</sup> É a que, no sitio de que recebeu o nome, existe com o titulo de — *Arco do Marquez de Alegrete* — no remate da qual está o elogio da Virgem, que tanto nesta, como em todas as mais, mandou insculpir elrei D. João IV.

Um pouco afastado della se vê embebida na parede da muralha que vem do castello, por S. Lourenço, uma grande pedra oblonga, na qual está exarada em letra monacal ou alemaã maiuscula a inscripção que exacta e escriptulosamente transcrevemos:

O mui: Nobre: e: mui: Allo: Rej: Don: Fernando: de Portugal: e: Filho: do: mui: Nobre: Rej Don Pedro e: Neto do mui: Nobre: Rej: Don: Afonso: olhando: como: a: mui: nobre: sua: cidade: de: Lisboa: seja: hũa: das mais: nobres: cidades: que: ha: em: todas: partes: do: mundo: e: como: esa: cidade: a: mais: nobre: fose: fora: da cerca: velha: quẽ: seus: bis: avcos: guanharon: aos: Moros: pore: mando: fazer: esta: cerca: nova: e: foi: comengada: era: de: mil e quatro centos onze anos: se: acabou: en: quatro centos treze anos: per: seu: mandado: foi: della: regedor: Gomes: Martinz: de: Sctual: q: foi: seu: Capitan: en: seus: Reinos: e: seu: vasalo: e: Ovidor: da: sua: corte: e: corregedor: por: el: na: dita: cidade: e: Lourenço: Durãez: Escrivan: do: Concelho: e: Johan: Fernandiz: e: Vasco: Bras: Meestres: alo: dito: muro.

#### Porta da Rua da Palma.

3.<sup>a</sup> Ficava correspondente a esta rua, entre o palacio do Marquez d'Alegrete, e a rua das Parreiras. Derrubou-se depois do terremoto de 1755, para se alargar a rua, por isso chamada, *Nova da Palma*.

#### Porta da Rua da Pella.

4.<sup>a</sup> Subindo a calçada do Jogo da Pella, á esquerda, existia esta porta. Conhecia-se pelo nome de *Arco da Graça*, em razão do oratorio da Senhora que nelle se erigiu em 1657. Demoliu-se no anno de 1835; mas do logar ficaram vestigios.

#### Porta de St.<sup>a</sup> Anna.

5.<sup>a</sup> No anno de 1572 existia ainda na calçada de St.<sup>a</sup> Anna, abaixo da igreja da Pena, quasi em correspondencia da travessa do Monturo do Collegio, e do bêco de S. Luiz. Della se continuava o muro até á

#### Porta de St.<sup>o</sup> Antão.

6.<sup>a</sup> Era na rua das Portas de St.<sup>o</sup> Antão, entre a igreja de S. Luiz, dos Francezes, e a rua do Jardim do Regedor; nella havia d'uma parte a imagem da Conceição, e da outra a de St.<sup>o</sup> Antão. Tambem se disse — *Porta de S. Domingos*. — Destruiu-se pelo terremoto de 1755, sem deixar vestigios.

#### Porta das Estrebarias d'Elrei.

7.<sup>a</sup> Teve logar no Rocio, entre os palacios da Inquisição, e o do Duque de Cadaval, por entre o qual subia o muro a unir-se ao da

#### Porta do Condestavel.

8.<sup>a</sup> Denominaram-na tambem — *Postigo do Carmo* — *Postigo e Arco de S. Roque*. — Estava no tópo da calçada do Duque ao entrar do largo de S. Roque, cujo vulto de pedra nella havia. Demoliu-se em 1836.

#### Porta da Trindade.

9.<sup>a</sup> Ficava defronte da antiga igreja da Trindade, olhando para a rua larga de S. Roque. Foi uma d'aquellas por onde D. Antonio, Prior do Crato, atacou Lisboa aos 3 de Junho de 1589, com o exercito Inglez que o auxiliava, fazendo grande destruição, e pondo fogo a todos os edificios exteriores do seu muro, e das circumvisinhas.

#### Porta de St.<sup>a</sup> Catharina.

10.<sup>a</sup> Pouco mais ou menos existiu na proximidade das igrejas do Loreto, e Encarnação, ficando-lhe ambas de fóra. Teve por cima, em seus nichos, as duas imagens de pedra da S.<sup>a</sup> do Loreto, e de St.<sup>a</sup> Catharina, que apesar de mui tóscas se conservam no frontispicio da igreja da Encarnação, talvez para denotar o máu gosto de quem alli as fez collocar. Derrubou-se em 1702.

A 28 de Maio de 1384, sendo accommettida dos castelhanos, obraram nella os portuguezes prodigios de valor, capitaneados por elrei D. João I., então Mestre d'Aviz.

#### Porta do Duque de Bragança.

11.<sup>a</sup> Ficava na rua hoje chamada do Thesouro velho, fronteira ao arruinado palacio da Casa de Bragança. Occultou-a o do Marquez de Valença, sobramceiro á rua do Alecrim, que se está arrasando.

#### Porta do Corpo Sancto.

12.<sup>a</sup> Antigamente se chamou — *Postigo do Cataquefarás*. — Era contigua á ermida da Senhora da Graça, no fim da rua das Fontainhas, donde se saía para a praça de Corte Real. Seria talvez abaixo de S. Francisco, na rua do Ferregeal, fronteira á igreja do Corpo Sancto. Della não ha vestigios.

#### Porta dos Cubertos.

13.<sup>a</sup> Era não mui distante da do *Corpo Sancto*, e da praça de Corte Real.

#### Porta dos Corte Reaes.

14.<sup>a</sup> Ficava contigua ao palacio de Corte Real [dos Marquezes de Castello Rodrigo], que existiu no sitio em que agora vemos a travessa do Cotovello, 9

qual se communicava por um passadiço com os paços da Ribeira.

*Postigo do Carvão.*

15.<sup>a</sup> Também se chamou — *Arco do Espinho* — e talvez fosse pouco desviado do largo do Pelourinho. Demoliu-se em 1754.

*Porta da Oua.*

16.<sup>a</sup> Vulgarmente lhe chamavam — *Arco do Ouro*. — Era pouco desviada do *Postigo do Carvão*, e na frente dos paços da Ribeira. Demoliu-se em 1754. Juncto a esta, e nas casas de Rui Penteado, se affirma haver nascido D. Affonso 1.<sup>o</sup> Duque de Bragança.

*Porta dos Armazéns.*

17.<sup>a</sup> Tinha por cima um dos quartos dos paços da Ribeira, e franqueava a passagem do real theatro, para o largo do Relogio, que consta ter sido para o lado do Deposito publico, e Banco de Lisboa. Póde bem ser que o assento desta porta fosse no mesmo lugar em que está a do Arsenal da Marinha, a que antigamente chamavam — *Armazéns de Guiné e India*.

*Porta do Arco das Pazes.*

18.<sup>a</sup> Dava serventia do largo do Relogio, por baixo do palacio, para o Terreiro do Paço. Arrazou-se em 1757 com bastante porção dos paços da Ribeira, obra magnifica delrei D. Manuel, que começando ao Corpo Sancto, acabavam no Terreiro do Paço. Ainda hoje, entrando no Arsenal da Marinha, á esquerda, se descobrem vestigios delles, especialmente um bello portão de cantaria lavrada, e de estylo gothico.

*Porta da Moeda.*

19.<sup>a</sup> Por cima desta ficava um dos quartos dos paços da Ribeira, e fazia frente ao Terreiro do Paço. Davam-lhe este nome por ser proxima á casa da Moeda, que era ao entrar a rua Aurea.

*Porta ou Arco dos Prégos.*

20.<sup>a</sup> Corresponhia-lhe do lado do mar o forte do Terreiro do Paço. Totalmente se estragou com o terremoto.

*Porta ou Arco dos Barretes.*

21.<sup>a</sup> Chamaram-lhe tambem — *Arco do Açougue* — e como a antecedente jazia no Terreiro do Paço. Com o terremoto se confundiu.

*Porta da Ribeira.*

22.<sup>a</sup> Eguamente fazia frente ao Terreiro do Paço. Demoliu-se em 1619 para dar mais franca passagem a Philippe II., quando veio a Lisboa.

*Porta da Portagem.*

23.<sup>a</sup> Assim como a da Ribeira era no Terreiro do Paço, em correspondencia da rua da Padaria.

*Porta nova do Mar.*

24.<sup>a</sup> Ainda permanece na rua dos Bacalhoeiros, antes de chegar á Casa dos bicos, com o nome de *Arco das Portas do Mar*.

*Porta da Judiaria ou do Rozario.*

25.<sup>a</sup> Hoje se chama — *Arco do Rozario* — na parte superior do qual ha uma ermida da Senhora, cuja escada e pequeno adro lançaram por terra no anno de 1837. Está defronte do Terreiro do Trigo.

*Postigo d'Alfama.*

26.<sup>a</sup> Ficava fronteiro ao Campo da Laã. Tambem o apellidaram — *Postigo das Alcaçarias* — e da *Lavagem*. — por ser entre estes banhos, e o tanque das lavadeiras. Existe no beco d'Alfama, ao Terreiro do Trigo.

*Porta do Chafariz de dentro.*

27.<sup>a</sup> Fazia frente aos chafarizes de Dentro e da Praia, ficando em meio d'ambos; e era-lhe pouco distante o chafariz dos Páus. Passado o terremoto se mandou destruir.

*Porta ou Postigo da Polvora.*

28.<sup>a</sup> Era a ultima da banda do mar. Estava conigua á cadeia da Galé, e perto da ermida da Boa-No-

va que se construiu em 1748, em lugar da que desfizeram para se edificar o Arsenal do Exercito. Ao lado esquerdo desta ermida, no fim da rua do Jardim do Tabaco, ha ruinas de muro e arco.

*Porta da Cruz.*

29.<sup>a</sup> Ficava no fim da rua das Portas da Cruz, e na frente da rua do Paraizo. Demoliu-se em 1775 para se abrir a — *Rua Nova* — para servir ao transitto da estatua equestre, que saíu da fundição de St.<sup>a</sup> Clara, e nesse anno se collocou no Terreiro do Paço. Todavia permanece a hobreira esquerda desta porta, pegada ao cunhal da casa do Secretario de Guerra, com uma inscripção latina em louvor da Senhora.

Em sua proximidade houve a Casa da Moeda velha, em que elrei D. Diniz fundou a universidade, cujas ruinas se divisam dentro do *Patco dos Quintalinhos*, ás Escolas-Geraes.

*Postigo do Arcebispo.*

30.<sup>a</sup> Tal e qual permanece ainda no campo de St.<sup>a</sup> Clara, pelo lado de baixo do extincto mosteiro de S. Vicente de Fóra, e por elle se caminha para a Cruz de St.<sup>a</sup> Helena. Presentemente o intitulam — *Arco Pequeno*. —

*Porta de S. Vicente.*

31.<sup>a</sup> Existiu entre a igreja de S. Vicente, e o muro da cêrca do mosteiro, pouco antes de chegar ao *Arco Grande de cima*, que se construiu em 1806, para servir de passadiço do referido mosteiro para a sua cêrca.

*Postigo de N. Senhora da Graça.*

32.<sup>a</sup> Chamou-se tambem — *Postigo de St.<sup>o</sup> Agostinho*. — Esteve entre este convento, e o muro que vem da cêrca de S. Vicente, cujas ruinas apparecem, e nelas o signal da porta. Demoliu-se em 1700.

*Postigo do Caracol da Graça.*

33.<sup>a</sup> Estava á direita da saída do adro da Graça, no mesmo lugar por onde começa o declive do caracol, que vem dar ás Olarias. Demoliu-se em 1700.

*Porta ou Postigo de St.<sup>o</sup> André.*

34.<sup>a</sup> Bem conhecida é de todos como existente ao fundo da calçada da Graça, com o nome de — *Arco de St.<sup>o</sup> André* — cujo muro ia entestar com o do castello, e terminava a cêrca.

Esta segunda cêrca saía de ao pé da *Porta da Traição*, e por S. Lourenço vinha á Mouraria, subia o Jogo da Pella, e Monturo do Collegio; atravessava a calçada de St.<sup>a</sup> Anna, descia por entre o beco de S. Luiz, e o mosteiro da Encarnação, á *Porta de St.<sup>o</sup> Antão*, e Estrebarias, e trepava a S. Roque; corria d'ahi até a *Porta dos Corte Reacs*, e desta, pela beiramar, até o *Postigo da Polvora*, donde ía, pela *Porta da Cruz*, a S. Vicente, e por entre a cêrca deste mosteiro, á *Graça*, buscando pelo lado do caracol a *Porta de St.<sup>o</sup> André*, cujo muro acabava no do castello proximo á *Porta do Moniz*.

Contava toda a muralha sete mil passos de circumferencia, e a cidade de muros a dentro, tres mil e cem de comprido, e mil e quinhentos de largo: nella havia 46 portas, e 77 torres que a defendiam, algumas das quaes se veem por diversas paragens mais ou menos arruinadas, com seus pedaços de muro em egual estado.

Nos tempos de D. João III. se intentou cercar de agoa a cidade, communicando o rio de Sacavem com o d'Alcantara, o que não passou de projecto. Elrei D. João IV. emprehendeu nova fortificação por meio de 32 baluartes, ao que se deu principio pelo de Alcantara, Prazeres, Arco do Carvalhão, a terminar na Cruz da Pedra; porém julgando-se-lhe o recinto demasiado, ficou imperfeita a obra. Isto deu lugar ao novo pensamento de mais abreviada fortificação de só 16 baluartes, a qual devia começar a S. João de Deus,

vir á Estrella, Collegio dos Nobres, Rua de S. José, St.<sup>o</sup> Antonio dos Capuchos, N. Senhora do Monte, até acabar em St.<sup>a</sup> Apollonia; mas tudo ficou como se não tivesse lembrado.

#### RESTOS DE BABYLONIA.

“AQUELLA Babylonia de tanta gloria entre os reinos, a inclita soberba dos caldeus, ficará destruida: como o Senhor destruiu a Sodoma e Gomorrha.”

“Nunca jámais será habitada, nem reedificada de geração em geração: nem allí porá as suas tendas o arabe, nem repousarão nella os pastores.”

Estas palavras são de Isaias filho d'Amos. Eis-aqui as de S. João:

“Então um forte anjo levantou em alto uma pedra, como uma grande mó de moíabo, e lançou-a no mar, dizendo: Assim com este impeto será precipitada aquella grande cidade de Babylonia, de sorte que ella se não achará jámais.”

É provavel que os mesmos prophetas, que possuídos d'entusiasmo e ira, anteviam que tal devia ser o destino de Babylonia, e o annunciavam ao mundo, não soubessem com quanta fidelidade se haviam de realisar as suas prophecias. Babylonia desappareceu, com effeito, da face da terra: as estradas por onde lá se ía ter, e que nella derramavam as riquezas do mundo, se apagaram do solo, e da memoria dos homens, e a altiva cidade não póde, ao certo, dizer-se onde jazia. O lugar em que estava assentada a antiga Babylonia tem sido assumpto de renhidas disputas, e nesta, como em outras questões, as hypotheses e injurias hão supprido a falta de razões concludentes. Uns a confundem com Suza; “outros não menos allucinados, diz Bochart, com Ninive, dizendo que a primeira Semiramis cingira Ninive de muralhas, e lhe trocára o nome no de Babylonia”; outros com Seleucia, e outros com Bagdad, a qual, para pleitear esta honra, não tem mais em que se funde senão em se haver enfeitado com os despojos da sua vizinha; porquanto ella está edificada nas margens do Tigre, e todos concordam em que Babylonia o era nas do Euphrates. O mesmo argumento se póde oppôr a Seleucia, cujos destroços ainda alastram as margens do Tigre, um pouco para baixo de Bagdad. Plinio e Estrabão, que á vizinhança e augmento de Seleucia attribuem a decadencia e quèda de Babylonia, prestariam, só com isto, um testemunho irrefragavel a favor da verdade, ainda no caso de nos faltar aquella prova peremptoria. “Os exercitos da Persia, diz Estrabão, derribaram parte de Babylonia, outra parte destruiu-a o tempo, e outra a incuria dos macedonios; mormente depois que Seleuco Nicanor fundou Seleucia sobre o Tigre distante de Babylonia perto de trezentos estadios. O mesmo Estrabão põe Bagdad em igual distancia desta cidade; d'onde se segue serem tres nomes e tres cidades distinctas, que formam um triangulo isosceles, ficando Babylonia no vertice. Com effeito os viajantes e os doutos, dando de mão aos erros e controversias de seus predecessores, neste vertice, tão sómente, é que vem procurar vestigios apagados, e interrogar o terreno onde outrora existiu aquella, que com o vinho da sua furiosa prostituição embriagava a todos os habitantes da terra. Já que não tinham mais de que se valessem, viram-se na necessidade de verem as reliquias de Babylonia n'umas ruinas, que vamos descrever; e a que vulgarmente chamam torre de Nemrod ou de Babel. Porém os arabes disputam a estas tristes ruinas um nome tão venerando, porque lhes chamam Agarcouf, e querem que sejam obra d'um de seus chefes, que

allí mandava accender fachos para que, em tempo de guerra, se reunissem os seus subditos. Não tentaremos nós lançar deste derradeiro asylo, onde se refugiou, o espirito de controversia e teima, que guarda, qual atalaia vigilante, as entradas ermas da cidade morta; mas deixando andar ás bulhas as tradições arabes com as tradições christãs contentar-nos-hemos com reproduzir a descripção daquelle monumento da mesma maneira que no-la transmittiram testemunhas oculares.

Apartada dia e meio de viagem da ponta da Mesopotamia, perto de tres leguas distante de Bagdad, e na mesma distancia da margem opposta do Euphrates, [isto é, n'um ponto quasi equidistante dos dois rios] ha uma mole solida, pyramidal, de quasi trezentos passos de circuito, feita de tijolos, e esburacada em dois dos seus lados, naturalmente por ter havido alguém que quiz examinar para que serviria, ou ver se dentro della acharia thesouros, que os arabes julgam que ha em todos os edificios antigos. Os ladrilhos que nesta obra se empregaram não foram cozidos em forno, mas são uns adobes ou tijolos simplesmente seccos e endurecidos ao sol, de perto de treze pollegadas de superficie em quadro, e de duas e meia de grossura, ou, segundo outros auctores, de dez pollegadas de superficie, e duas e meia de espessura, acamados e não postos a prumo, mas unidos com a mesma terra de que foram feitos. As oito ou dez corrementes de ladrilhos da base formam uma camada de dois pés ou dois pés e meio de grossura. Por cima dos adobes ha quatro ou cinco camadas de calça, e sobre estas outra, de duas a tres pollegadas de altura, composta de tres fiadas de palha e outras tantas de caniços, cruzadas e calcadas. As camadas dos adobes assentam logo em cima das dos caniços, e as de calça seguem-se sempre immediatamente ás daquelles, e assim por diante, sem que esta ordem se altere até ao cume da torre. Todavia as camadas da torre não são todas eguaes, tanto assim que algumas ha que teem dois pés de espessura, e outras que teem tres, e até, segundo alguns, é maior a differença entre a primeira e a ultima, porque seguem uma progressão descendente desde a camada que está ao nivel do terreno até a mais alta; de sorte que a primeira teria sete fiadas de adobes, a segunda seis e assim por diante até acima.

A palha, que hoje se acha saída pelos intervallos dos tijolos, está muitissimo bem conservada e tem resistido ao tempo muito melhor do que lhe resistiria a madeira a mais forte: esta palha é d'uma planta de que muito abundam as margens dos dois rios, e o paiz. O que inclina a crer que o monumento nunca teve maior altura do que a que hoje tem, é o acabar elle n'uma camada espessa de terra em fórma de terrado. Tambem prova isto mesmo o terem neste terrado chegado ao seu menor termo, a unidade, as series decrescentes das fiadas de tijolos que constituem cada camada. Comtudo não se póde duvidar de que os ventos e as chuvas teem arruinado a parte superior, porque as faces que a mão do homem deixou intactas se acham algum tanto damnificadas, e ainda mais o estariam se as camadas de palha não as defendessem. Tambem se deve conjecturar que este monumento é massiço, porque apesar de lhe terem feito nas faces meridional e occidental dois furos que chegam quasi ao centro, não encontraram espaço algum vasio, porém sim as camadas de tijolos, calça, e palha dispostas como á superficie. Veem-se, além disso, uns buracos quadrados, pouco distantes uns dos outros, que é provavel que servissem para os andaimes, ou talvez para que esta mole seccasse mais depressa, visto serem mui fundos; e posto que na altura de dois

terços da face septentrional haja uma abertura semelhante a uma porta, evidentemente se conhece ter ella sido feita quando quizeram sondar o monumento, porque as suas paredes não foram cortadas ao direito, e nenhum dos tijolos que apparecem ficou inteiro.

A curta distancia da torre está um monticulo de entulho, onde se encontram fragmentos toscos d'um edificio feito de adobes, e que parecem ser reliquias d'algum palacio ou templo. Alem deste ha por alli perto outros monticulos mais pequenos, que tambem mostram ser o restante d'outros tantos edificios, de sorte que é provavel que Agercouf seja o assento d'alguma cidade que foi.

Mas para que fim foi construida a torre de Nemrod, que nem é templo, nem é fortaleza? Se em alguma das suas faces houvesse uma escada por onde se podesse subir até acima, ou se nella se encontrassem vestigios de porta que fizesse conjecturar que teria alguma escada interior, poder-se-hia inferir que servia de atalaia; e na verdade este monumento, que alguns dizem ter, no estado em que hoje se acha, cento a cento e vinte pés, e outros setenta a oitenta, podia ser proprio para avisar os babilonios da vinda de seus inimigos; mas a quem advertir que seria inutil gastar grossos cabedaes na construcção d'uma mole immensa só para servir de atalaia, força é que regeite esta hypothese.

Seja como for, este montão de pedra é quanto subsiste de Babilonia, a grande cidade vestida de linho finissimo, de purpura e de escarlata, ornada de ouro, de gemmas e de perolas, da qual disse S. João no Apocalypse: "E na sua frente estava escripta a palavra: Mystério." Cumpriu-se inteiramente a predicção das escripturas: Babilonia desappareceu da terra, e com terror se indaga o logar que occupára. "A grande mó do anjo a fez pedaços, de sorte que ella se não achará jámais."

#### EXTRACTO D'UMA VIAGEM DO CAPITÃO BRAGG A SPITZBERG.

1.º

CHEGAMOS á ilha de Spitzberg aos 20 de Junho de 1831, entrando pelo porto de Smearingburgh, descoberto pelos hollandezes, que não só construíram alli as officinas necessarias para o fabrico do azeite de peixe, mas até edificaram uma aldêa, e quizeram fundar uma colonia, cujos habitantes morreram todos logo no primeiro inverno. Os russos, por varias occasiões, reprehenderam invernar nesta paragem, porém raras vezes deixaram de perder, nestas tentativas, metade da gente; e quando nós desembarcamos estava este sitio inteiramente deserto, porque os hollandezes, que se costumam aqui demorar algum tempo depois dos nossos compatriotas [os inglezes], já tinham levantado anchora.

Fundeámos a duas leguas de distancia, e saindo em terra notámos que o solo era pedregoso, e apresentava o desagradabilissimo aspecto que caracteriza em geral essas regiões deshabitadas. Uma correnteza de serras, despenhadeiros, e penedos cobria parte desta plaga inhospita. Aqui, e além, surgiam d'entre as montanhas enormes pyramides de gelo, formadas pelas torrentes das neves derretidas, e crescidas com as aguas das chuvas. As figuras destas rumas de gelo são muito exquisitas, e variadas de mil maneiras. Em tempos claros, e quando o sol dardejia sobre ellas os seus raios, da-lhes um brilho deslumbrante. Umas vezes parecem tão resplandecentes como espelhos, que reflectem os raios purpureos do sol no occaso, outras

tingem-se de azul tão vivo qual o das saphiras, e em certas occasiões ornam-se das variadas cores do arco iris, vencem no brilho as pedras de maior valia, e derramam na atmosphaera uma luz vivissima.

Observámos que a costa ía alteando gradualmente até a base da montanha, e encontrámos muitos arroyos, que corriam para os valles.

Abarracámo-nos em logar conveniente, e começámos a descarregar aquelles objectos que o frio não podesse deteriorar, deixando, comtudo, a bordo os liquidos espirituosos, para em tempo mais asado os desembarcarmos; e como sabíamos que os habitantes das regiões polares costumam, no inverno, recolher-se em subterraneos, abrimos uma cova de sessenta pés de comprimento, vinte de largura, e cincoenta de profundidade, não sem grande custo, porque, ainda que tínhamos os instrumentos necessarios, e estávamos no fim de Julho, o chão tinha gelo da altura de seis pollegadas, e talvez de muitos seculos de antiguidade.

Dividimos a nossa habitação subterranea em tres quartos espaçosos, e no meio d'uma das faces do tecto, feito de lonas cobertas de musgo, deixámos, não só um alçapão, que se abria por dentro e por fóra, e ao qual trepavam por uma escada, mas tambem dois respiradouros para dar evasão ao fumo. Janellas não as tínhamos, nem dellas careciamos, tanto porque nos alumiamos com alampadas que ao mesmo tempo nos davam claridade e calor, como porque, por espaço de seis mezes, a unica luz natural que tivemos foi a do luar, a d'uma aurora boreal, e a resultante da refração do gelo e da neve.

Forrámos as portas desta nossa casa com pelles de ursos brancos, que excediam a madeira cousa d'um pé para todos os lados, vedando assim a entrada ao ar. O quarto do meio, que era o mais espaçoso, nos servia de cozinha; do da direita fizemos a nossa sala, e nelle dormia eu com os principaes da companhia, e além disso nos servia de deposito das munições mais preciosas, como a polvora, especiarias, liquidos espirituosos, livros, instrumentos, &c. A terceira casa era o nosso armazem.

Para que os gelos não despedagassem o navio, enterrámo-lo n'uma especie de dique de gelo; acarretámos todas as lanchas para cima d'um grupo de penedos e as cobrimos com turfa, e no mesmo sitio abrimos um covil para os cães que alli se conservaram em quanto durou o bom tempo, mas que nos vimos obrigados a recolher na nossa companhia, desde que o rigor do inverno nos impossibilitou de lhes levarmos de comer.

Occupámo-nos todo o estio em nos provermos de pescado, parte do qual seccámos ao sol, e parte salgámos ou fizemos de escabeche. Tambem conseguimos conservar perfeitamente dentro do gelo algumas cavallas, e a carne de dois rangiferos que havíamos morto, e isto nos provou que o gelo conserva os succos animaes n'um estado muito mais natural do que o assucar, o vinagre, e o sal, que lhes dá um sabor quasi inteiramente differente. Cumpre, porém, observar, que quando se quizerem comer carnes assim conservadas é necessario, depois de as tirar do gelo, pô-las a degelar em agua fria, e nunca chega-las ao lume, ou lava-las em agua quente, em quanto estiverem congeladas, porque immediatamente apodreceriam.

De igual modo degelavamos as garrafas de vinho e de cerveja, e se a algum dos nossos começavam a gelar, quer as mãos quer o rosto, logo lhe esfregávamos com uma pouca de neve a parte gelada, porque se a expozessemos ao calor lhe aggravariamos o mal. Estou eu persuadido de que se immediatamente ba-

nhassem em agua fria-todos os viajantes que se encontram interrados na neve, muitos delles se reanimariam, apesar de não darem signal algum de vida antes da immersão.

Ja eu, quando para isso tinha tempo, explorar o interior do paiz, empreza que não deixava de ser difficil e arriscada, por causa de ser a ilha deserta, e n'algumas partes coberta de massas eternas de gelo e neve, bem como de abysmos, e torrentes formadas pela neve derretida. Nem o proprio ar está sempre livre de gelo, pois quem observar obliquamente os raios do sol, verá, em vez desses atomos ou argueiros subtilissimos que se veem n'outros climas, milhões de particulas do brilho dos diamantes, as quaes se derretem e resolvem em chuva quando o sol é quente, o que succede algumas vezes.

As penedias deste paiz teem uma particularidade muito notavel, porque quando vae a rebentar alguma tempestade parecem de fogo. As cumiadas das montanhas estão quasi sempre involtas em nuvens, de sorte que raro é ver-se-lhes o cimo. Alguns penedos ha que parecem de uma só peça desde a base até o cume, e que se parecem com edificios arruinados; outros constam de muitos pedaços enormes, em cujas superficies se notam fragmentos de pedras semelhantes a marmore manchado de vermelho, branco, e amarello, e que a serem afeiçoadas e polidas competiriam em belleza com os marmores mais estimados.

Nas partes destes penedos expostas aos ventos sul e oeste crescem hervas, musgo, e todas as plantas indigenas do paiz, porém nas partes que olham para o norte e para leste, conserva o vento, constantemente, um frio tão rigoroso, que destroe toda a casta de vegetaes.

As plantas fazem-se neste clima n'um espaço de tempo curtissimo, pois até o meiado de Maio está toda a terra sepultada em gelo, pelo meiao de Julho estão as plantas em flor, e no fim do mesmo mez ou no principio de Agosto acham-se as sementes já maduras, reconhecendo-se a mão da Providencia assim nesta como nas demais operações da natureza.

A terra deve essa tal qual fertilidade que tem aos excrementos das aves, que, na primavera, vem fazer creação neste lugar, o qual, apenas chega o inverno, trocam por mais quentes climas.

As plantas mais communs de Spitzberg são: a calcatripa ou cardo estrellado: ha tambem alli algumas especies de ensaiões, uma planta cujas folhas se parecem com o aloes, uma herva do mesmo genero da herva de sete sangrias, algumas bistortas, o morangueiro bravo, que cresce nas neves, e uma planta só propria do paiz, á qual deram o nome de herva das rochas, cuja folha imita na figura uma lingua humana, tem seis pés de comprimento, e é amarella desvanecida; a sua hastea, direita e lisa, tem a mesma cor da folha, cresce á maneira de pyramide, e exhala o mesmo cheiro que os limos. Esta planta, que é de genero aquatico, sobe a maior ou menor altura, conforme a profundidade da agua em que cresce. A principal flor desta região é a dormideira branca. Quando eu cheguei á ilha lancei á terra muitas especies de sementes, mas nenhuma me nasceu excepto um enfesadinho pé de alface, que deu muito poucas folhas.

Pelo meiado d'Agosto houve neves, por varias vezes, que se derreliam ao cairem: tivemos, comtudo, alguns dias de calor parecidos com os da primavera na Inglaterra; mas de noite sempre era o frio tão intenso que achavamos grande consolo em nos embrulharmos em pelles e aquecermos ao fogão. A cerração era ás vezes tão densa, que nada viamos, em torno de nós, na distancia de doze varas. Das nuvens car-

regadas de electricidade partiam rélampagos, mas raras vezes acompanhados de trovões, cujo estrondo é alli quasi semelhante ao som do rodar d'um pedaço enorme de gelo quando se separa do lado d'uma montanha. O vento, muitas vezes, sopra rijissimo, e leva comsigo a agua e a neve que dispersa no ar, como se fosse poeira.

No fim de Setembro começa a gelar, e d'ahi em diante é dizer adeus á curta estação do estio, que não torna a principiar antes do fim de Junho, e não difere da primavera ou do outono d'Inglaterra.

Depois de estagnadas as aguas da praia, o que é facil de acontecer porque a maré nunca sóbe mais do que um pé, formam-se, de uma ilha para outra, de um para outro ponto, ruas lageadas de gelo que tapam a soz dos rios e a entrada das bahias, até a final se converter a superficie do Oceano n'um vasto continente de gelo.

No decurso de minhas curtas excursões [porque me não era possivel ir muito longe] não vi mais do que dois rangiferos, e tive a felicidade de os matar, não sem perigo meu, pois nessa occasião estive a ponto de terminar a viagem; porque a vibração do ar, causada pelos tiros da espingarda, fez desabar da montanha uma desmesurada massa de gelo, que infallivelmente me esmagára ao cair, se eu d'um salto lhe não fugira com o corpo. Fiquei quite com a perda da caça, que lá deixei enterrada em neve de muitas varas d'altura.

O rangifero e a raposa fazem parte dos habitantes desta ilha medonha; a ultima tem muita pareença com o urso, do qual só se distingue na cor e corpulencia. A sua cabeça é negra, e o corpo branco, e visto ser da especie dos animaes carnivoros, é de supôr que no verão se costuma prover de viveres para o inverno. As que nós vimos nos pareceram muito gordas, o que não as privava de correrem com tal velocidade e destresa, que nem uma sequer podemos matar. É de crer que se nutram das diversas castas de aves que no estio vem habitar neste clima.

A ave dos gelos é um lindissimo volatil que ha nestas regiões, mas que não é muito commum. Tem a cor e a figura d'uma rola, mas as suas pennas, vistas ao sol, são de cor amarella, tão brilhante como o circulo dourado da cauda d'um pavão: algumas vezes até ninguem ás póde encarar sem se lhe turbar a vista.

Os animaes amphibios parecem ter sido creados para estes climas, onde se encontram muitos cães, bois, e cavallos marinhos.

Já éramos entrados em Outubro; a tincta congelava-se até juncto do lume, e as paredes e pilastras da nossa habitação cobriam-se de geada, o que tambem não deixava de acontecer aos cobertores das nossas camas.

Todos os nossos liquidos espirituosos se congelaram: a aguardente e o espirito de vinho tomaram a consistencia do azeite gelado, e o azeite a do toucinho, de tal modo que se podia cortar ás talhadas como o spermacetti.

O frio continuou a crescer até o principio de Março; era então tão violento que as pedras rachavam e rebentavam com estrondo. Algumas vezes cobria-se o mar de fumo tão denso qual o d'um forno, a que chamam fumo do gelo. Esta cacimba não é tão fria como o ar puro, e quem, saindo da praia, nella se fôr involver, ha-de sentir uma temperatura mais suave, ainda que o gelo lhe engele os vestidos e os cabellos. O tal fumo faz pustulas na pelle, e á medida que se ergue na atmospheria converte-se em pedacinhos de neve, tão agudos que ninguem póde estar exposto a elles algum instante sem que se lhe gelem as mãos e o nariz.

Não era cousa de pequena curiosidade o ver, dentro do nosso abrigo, os toneis de cerveja arrombados pelo frio, e homens occupados em quebrar ou serrar pedaços de cerveja gelada. As carnes estavam quasi podres, e muitas vezes, depois de as termos tido bastante tempo dentro de agua a ferver, quando as íamos a comer as achavamos ainda vermelhas e geladas no meio.

A intensidade do frio alterou de tal maneira todos os instrumentos mathematicos que nos ficou sendo quasi impossivel fazer delles uso algum, e nos vimos obrigados a embrulhar em pelles os nossos telescopios, para que os canudos se não quebrassem. Os pregalhães, empregados na construcção da nossa casa, contrahiram-se a ponto de poderem ser arrancados sem fazer força. Nenhum dos nossos relogios podia andar se não tivéssemos a precaução de os conservar ao pé do fogo, mettidos em caixas forradas de laã e embrulhadas n'uma pelle.

Nessa quadra era cousa perigosa pegar em trastes de metal, vidro ou louça, porque estas differentes materias se podiam agarrar ás mãos sem que fosse possivel desapega-las senão arrancando a pelle.

Os nossos dois gatos, um atartarugado e o outro malhado, sentiram tanto o rigor do frio que se chegavam ao lume a ponto de ficarem assados, e muito tempo antes de ter subido o frio á sua maior intensidade, as lindas côres das suas pelles se mudaram em branco. Igual metamorphose soffreram os nossos cães, que se fizeram inteiramente brancos, e andavam tão molles, que o seu estado pouco differia d'um verdadeiro torpor.

No interior da nossa habitação indicava o thermometro, frequentes vezes, vinte gráus abaixo de zero, e um pouco de azougue que eu expuz ao ar n'uma chicara de café fez-se tão duro que se podia deitar no chão sem que as suas partes se separassem.

O calor dos fogões e candieiros mal bastava para nos conservar a circulação do sangue, apesar de andarmos embrulhados em pelles e flanellas, sem trazermos sobre a pelle especie alguma de roupa branca. Julgámos, segundo a violenta oppressão que sentiamos, que ninguem poderia então respirar em sitio descampado.

(Continuar-se-ha).

#### O CALOR DE UMA DISPUTA.

O MARQUEZ d'Argens foi um dos escriptores mais fecundos, posto que não dos mais *profundos* do seculo 18. Pertenceu á eschola philosophica, hoje conhecida pelo ridiculo, mas bem merecido, nome de Encyclopedistas. Era homem de bastante instrucção, e de tracto e conversação agradaveis; mas debaixo da brandura e policia apparente do seu character, havia todo o orgulho proprio dos sophistas daquella epocha. Não se podia disputar com elle: se lhe impugnavam as suas idéas, gritava e bracejava por tal modo que assustava o seu antagonista. Alheava-se tanto de todas as attentões sociaes, e desvairava, a ponto de parecer demente. A seguinte anecdota é uma das muitas que a semelhante respeito se contam delle. Certo dia em que, já á força de disputar, lhe tinha caído a cabelleira, uma senhora que morava n'um quarto por baixo do quarto de d'Argens, subiu acima a pedir-lhe que moderasse a voz; porque a incommodava: o pobre sophista que estava embebido todo nas suas idéas, sem lhe dar resposta, agarrou-a por um braço, levou-a a tombos pela escada abaixo, mettu-a em casa, e voltou n'um pulo a continuar o debate. Custou muito aos circumstantes a fazer acabar este,

para lhe poderem contar o que elle proprio tinha feito. Por fim entrou em si, e lhe contaram a doudice em que caíra, desaton a rir, e a toda a pressa foi pedir á senhora, do modo que pôde, perdão da sua incivilidade.

*Modo de encaixar facilmente os vidros dos oculos nos aros, sendo estes de tartaruga ou de páu do ar.*— Metem-se os aros em agua quente, ou aquecem-se; porque deste modo alargam, e se dilatam de sorte que facilmente se lhe encaixam os seus competentes vidros. O páu do ar e a tartaruga tornam ao seu natural em esfriando.

*Rasão extravagante.*—O celebre medico Van-Helmont era muito inimigo de sangrias, e entre outras rasões que dava contra semelhante remedio, era a principal que em nenhuma parte da Biblia se fazio menção della.

#### Maximas indias.

Seja a tua boca o carcere da tua lingua.

Curam-se as feridas de faca, mas as de lingua não teem cura.

#### ANOS de J. C. SEMANARIO HISTORICO.

Outubro. 21.

1147 — Conquista D. Affonso Henriques a cidade de Lisboa.

1805 — Batalha naval de Trafalgar, em que a armada Franceza foi quasi inteiramente destruida, mas em que tambem os inglezes perderam o seu grande almirante Nelson.

22

1383 — Morte d'elrei D. Fernando 1.º Tinha 33 annos de idade e 17 de reinado.

1639 — Nasce em Lisboa o principe D. João, filho de D. Pedro 2.º, e depois rei, 5.º do nome.

23

42 — [Antes de J. C.] — Batalha de Philippo. Bruto e Cassio são vencidos por Antonio e Octavio; Bruto mata-se. Nesta batalha expirot a liberdade da republica romana.

1812 — Os francezes saem de Moscow e começa a fatal retirada do grande exercito.

24

1507 — O vice-rei da India D. Francisco d'Almeida toma e arraza a cidade de Panane.

25

1495 — Morte d'elrei D. João 2.º tendo de idade 40 annos e de reinado 14.

1647 — Morte de Torricelli, inventor do barometro.

26

1530 — Os cavalleiros de S. João de Jerusalem tomam posse de Malta. Vide o Num.º 76 do Panorama.

27

1495 — Acclamação d'elrei D. Manuel. No mesmo dia e anno nasceu em Coimbra o nosso poeta moralista Francisco de Sá de Miranda.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 — D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.